

Caminhos e colheita

Ensino e pesquisa na
área de inglês no Brasil

Organizadoras

Cristina Maria Teixeira Stevens

Maria Jandyrá Cavalcanti Cunha

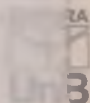
N.Cham. 802.0:37 C183c

Título: Caminhos e colheita : ensino e pesquisa na
área de inglês no Brasil .



10024949
540609

Ex 6 UnB BCE AGE



Caminhos e colheita é uma contribuição para o mapeamento da área de inglês no Brasil, iniciada formalmente na década de 1940. A construção de sua memória é tarefa inadiável, considerando-se a riqueza das atividades desenvolvidas na área ao longo dessas décadas. Para execução deste projeto historiográfico, reunimos professores e pesquisadores de várias instituições brasileiras. Em seus artigos, eles não tratam exclusivamente da língua inglesa como parte do processo educacional brasileiro, mas exploram o ensino e a pesquisa das literaturas em língua inglesa. Analisam os níveis secundário e superior – graduação e pós-graduação – em instituições públicas e privadas e também discutem perspectivas futuras para a área no Brasil.

Caminhos e colheita

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitor

Lauro Morhy

Vice-Reitor

Timothy Martin Mulholland

EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Diretor

Alexandre Lima

CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Elizabeth Cancelli

Conselheiros:

Alexandre Lima, Clarimar Almeida Valle,
Dione Oliveira Moura, Henryk Siewierski,
Jader Soares Marinho Filho, Marília Steinberger,
Ricardo Silveira Bernardes, Suzete Venturelli



Caminhos e colheita

Ensino e pesquisa
na área de inglês no Brasil

Cristina Maria Teixeira Stevens
Maria Jandyra Cavalcanti Cunha

(ORGANIZADORAS)



Equipe editorial: Severino Francisco (Supervisão editorial); Ludimila Viana
Barbosa (Preparação de originais e revisão); Eugênio Felix Braga
(Editoração eletrônica); G+Design (Capa);
Elmano Rodrigues Pinheiro (Supervisão gráfica)

Copyright © 2003 by Cristina Maria Teixeira Stevens e
Maria Jandyra Cavalcanti Cunha (Organizadoras).

Impresso no Brasil

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília
SCS Q. 02 Bloco C nº 78 Ed. ~~OK~~ ~~anda~~
70300-500 – Brasília, DF
Tel: (0xx61) 226-6874
Fax: (0xx61) 225-5611
editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser
armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito
da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca Central da Universidade de Brasília

C183 Caminhos e colheita: ensino e pesquisa na área de inglês
no Brasil / Cristina Maria Teixeira Stevens e Maria
Jandyra Cavalcanti Cunha (organizadoras). – Brasília :
Editora Universidade de Brasília, 2003.
280 p.

ISBN: 85-230-0735-0

1. Língua inglesa-ensino. 2. Literatura inglesa-ensino.
I. Stevens, Cristina Maria Teixeira. II. Cunha, Maria Jandyra
Cavalcanti.

CDU 802.0:37
820:37

*What is a map?
A picture of the Whole, or a part
Of the Earth's surface.*

Elizabeth Bishop, *Poems*

*But a crop is a crop
And who's to say
When the harvest shall stop?*

Robert Frost, *Gathering leaves*

A Kera Stevens,
que é parte desta história

Sumário

ORGANIZADORAS, 11

COLABORADORES, 13

APRESENTAÇÃO, 17

CAPÍTULO 1

ONTEM E HOJE NO ENSINO DE LÍNGUAS NO BRASIL, 19

José Carlos Paes de Almeida Filho

CAPÍTULO 2

UMA VISÃO GERAL DO ENSINO DE INGLÊS NO BRASIL, 35

Sara Walker

CAPÍTULO 3

A LDB E A LEGISLAÇÃO VIGENTE SOBRE O ENSINO E A FORMAÇÃO DE PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA, 53

Vera Lucia Menezes de O. e Paiva

CAPÍTULO 4

DA DIDÁTICA À PEDAGOGIA: UMA DESVENTURA BRASILEIRA DE PROPORÇÕES PEDAGÓGICAS, 85

Lynn Mario T. Menezes de Souza

CAPÍTULO 5

A PEDAGOGIA CRÍTICA, A ESTILÍSTICA E O ENSINO DAS LITERATURAS EM LÍNGUA INGLESA, **107**

Sonia Zyngier

CAPÍTULO 6

A PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURAS DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL – RESGATE E RUMOS, **127**

Cristina Maria Teixeira Stevens

CAPÍTULO 7

MOMENTOS HISTÓRICOS NA PESQUISA DA ÁREA DE LÍNGUA INGLESA, **169**

Maria Jandyra Cavalcanti Cunha

CAPÍTULO 8

O ENSINO DO INGLÊS NO FUTURO: DA DICOTOMIA PARA A CONVERGÊNCIA, **225**

Vilson J. Leffa

CAPÍTULO 9

ASSOCIAÇÕES DE PROFESSORES DE INGLÊS, **251**

Carlos Daghlian

CAPÍTULO 10

QUANDO, COMO E POR QUE APRENDI INGLÊS: AS NARRATIVAS DE FRANCISCO, HILÁRIO, ANTONIETA, MUNIRA E NORA, **267**

Maria Jandyra Cavalcanti Cunha

Cristina Maria Teixeira Stevens

Organizadoras

CRISTINA STEVENS é doutora em literatura inglesa pela Universidade de São Paulo, tendo feito seu mestrado em Letras, área de língua inglesa e literaturas correspondentes, na Universidade Federal de Santa Catarina. É professora de literaturas de língua inglesa do Departamento de Teoria Literária e Literatura do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Organizou o livro *Quando o tio Sam pegar no tamborim: uma perspectiva transcultural do Brasil* (Brasília, Plano, 2000). Foi secretária da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (Anpoll) e vice-presidente da Associação Brasileira de Estudos Americanos (Abea). Atualmente é secretária da Associação Brasileira de Professores Universitários de Inglês (Abrapui).

MARIA JANDYRA CAVALCANTI CUNHA doutorou-se em lingüística na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Lancaster, Inglaterra, tendo obtido seu grau de mestre em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina, na área de língua inglesa e literaturas correspondentes. Com Cristina Stevens, liderou a reformulação acadêmica do antigo mestrado em língua inglesa para o atual mestrado em lingüística aplicada (concentração na área de ensino/aprendizagem de línguas) no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília. Hoje é pesquisadora associada desse programa. Publicou vários artigos no Brasil e no exterior e organizou (com

Percília Santos) as obras *Ensino e aprendizagem de português para falantes de outras línguas* (Brasília, Editora UnB, 1999) e *Tópicos em português língua estrangeira* (Brasília, Editora UnB, 2002), que incluem artigos voltados para a aprendizagem de nossa língua por anglofalantes.

Colaboradores

CARLOS DAGHLIAN é doutor em Letras pela Universidade de São Paulo, com mestrado na Universidade Pepperdine, Los Angeles, EUA. É livre-docente e titular pela Universidade Estadual de São Paulo, onde leciona Teoria Literária e Literatura Norte-Americana no Departamento de Letras Modernas. É diretor das revistas *Estudos Anglo-Americanos*, e *Stylos*, do Programa de Pós-Graduação em Letras do Ibilce/Unesp. É autor da obra *Os Discursos americanos de Joaquim Nabuco* (Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 1988) e organizador do livro *Poesia e música* (São Paulo, Perspectiva, 1985), tendo publicado vários trabalhos em periódicos nacionais e internacionais. Foi biografado, em 2001, por George Monteiro, em publicação da *Emily Dickinson International Society*, a propósito de suas atividades relacionadas com a poesia dessa autora. Desde 1976, é presidente da Associação Brasileira de Professores Universitários de Inglês (Abrapui).

JOSÉ CARLOS PAES DE ALMEIDA FILHO é professor de lingüística aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, com área de concentração no ensino/aprendizagem de línguas. Orientou várias teses de mestrado e doutorado sobre os processos de ensinar e aprender língua inglesa. É autor do livro *Dimensões comunicativas no ensino de línguas* (Campinas, Pontes, 1993), hoje na terceira edição,

e organizador de outros quatro livros na área de português-língua estrangeira. No ano de 2000, por ocasião da comemoração dos 500 anos do Brasil, ofertou a disciplina História do Ensino de Línguas no Brasil, até então inédita no país.

LYNN MARIO T. MENEZES DE SOUZA nasceu no Iêmen e criou-se na Inglaterra, onde fez bacharelado em lingüística pela Universidade de Reading. Em meados da década de 1970, foi professor de Letras na Universidade de Moçambique. Desde 1988 leciona língua inglesa e literaturas em língua inglesa no Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo. No início da década de 1980, elaborou, como co-autor, alguns dos primeiros conjuntos de livros didáticos do ensino comunicativo no Brasil – *English in Brazil*, e *Time educational program*. Coordenou o primeiro conjunto de livros didáticos do ensino comunicativo para o ensino de inglês na rede escolar – *Out turn* – no início da década de 1980. Publicou diversos artigos em periódicos e livros nacionais e estrangeiros nas áreas de ensino de inglês, lingüística aplicada, literaturas pós coloniais, ensino de literaturas e, mais recentemente, sobre letramento multimodal e escritas indígenas no Brasil e nas Américas.

SARAH WALKER nasceu na Inglaterra, onde se graduou em línguas modernas na Universidade de Oxford e obteve o título de mestre em estudos latino-americanos na Universidade de Londres. Ensina inglês no Brasil desde 1967, tendo trabalhado na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, no Rio de Janeiro, e no Instituto Britânico Independente, em Brasília. Hoje é professora do Instituto Rio Branco do Ministério das Relações Exteriores, onde ensina inglês instrumental para diplomacia. Atualmente dá consultorias a diversas entidades, tais como o Banco Central do Brasil, Banco do Brasil, AS e o Con-

selho Britânico. Entre suas publicações, destaca-se *English 2000 landmark review of ELT in Brazil* (The British Council, Londres, 1997 e 2000). Foi presidente do Braz-Tesol (1998-1999) e da Laurels (1990-1991).

SÔNIA ZYNGIER é doutora em lingüística aplicada pela Universidade de Birmingham, com mestrado em literatura inglesa pela Universidade de Liverpool. É professora de língua e literaturas em inglês na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É também diretora adjunta de cultura e extensão da Faculdade de Letras. Grande parte de seu trabalho é voltado para a estilística e o ensino de literaturas em inglês, incluindo um livro didático de estilística e conscientização literária. Sua área de pesquisa inclui análise do discurso e estilística pedagógica, desenvolvendo no momento, projeto na área da ciência empírica da literatura e suas implicações para a educação literária.

VERA LÚCIA MENEZES DE OLIVEIRA E PAIVA é professora de língua inglesa na Faculdade de Letras da UFMG e atualmente preside a Comissão de Especialistas de Ensino de Letras da Sesu-MEC e a Associação de Lingüística Aplicada do Brasil. Orientou dissertações de mestrado e doutorado nas áreas de lingüística aplicada e de análise do discurso. Organizou três livros, tendo ainda publicado trabalhos no Brasil e no exterior. Sua pesquisa atual foca a interação e a aprendizagem em ambiente virtual.

VILSON J. LEFFA doutorou-se em lingüística aplicada pela Universidade do Texas, com mestrado em Letras (área de língua inglesa e literaturas correspondentes) da Universidade Federal de Santa Catarina. Trabalhou na Universidade Federal do Rio

Grande do Sul e atualmente é professor da Universidade Católica de Pelotas. Foi duas vezes presidente da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (Alab). Pesquisa na área de leitura, escrita e política do ensino de línguas estrangeiras. Tem artigos publicados no Brasil e no exterior. No Brasil publicou a obra *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística* (1996) e organizou várias outras: *Autonomy in language learning* (1994), *O ensino da leitura e produção textual: alternativas de renovação* (com Aracy Pereira, em 1999), *As palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem* (2000) e *O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão* (2001). Organizou também o CD-ROM *Textos em linguística aplicada (Tela)* (2000). Mais recentemente concentrou-se no estudo das novas tecnologias no ensino de línguas, incluindo o computador e o ensino a distância.

Apresentação

O projeto deste livro foi adiado várias vezes em função de compromissos acadêmicos urgentes, mas não necessariamente mais importantes. Há algum tempo vínhamos sentindo que o ensino de inglês no Brasil, iniciado na década de quarenta, precisava ser mapeado. Acreditávamos que fosse importante contribuir para a construção da memória da nossa área.

Felizmente, para isso, conseguimos reunir uma equipe de brilhantes colaboradores interessados em integrar nosso projeto, o que nos possibilitou organizar este livro. Oriundos de várias universidades brasileiras, a contribuição desses professores e pesquisadores evidencia também a diversidade da experiência acadêmica e profissional em nosso país.

Os artigos aqui compilados não se limitaram à presença da língua inglesa como parte do processo educacional brasileiro, mas igualmente aborda o ensino e a pesquisa das literaturas em língua inglesa. Tratam eles dos níveis secundários e superior – graduação e pós-graduação, em instituições públicas e privadas e também analisam perspectivas futuras para a área no Brasil.

O nome do livro – *História do ensino e da pesquisa na área de Inglês no Brasil* – traduz o objetivo norteador do projeto, qual seja, o registro de elementos para identificação de rotas, rumos, contornos e perspectivas futuras para a área. O livro analisa as dimensões essenciais do ensino e pesquisa da área em nosso país: aspectos legislativos, históricos, associativos, institucionais, acadêmicos. Esses caminhos nos levam à colheita

dos frutos obtidos ao longo da história da língua inglesa e respectivas literaturas no país. Em tempo de colheita, algumas sementes se perdem ao caírem em terreno árido, enquanto outras se frutificam em solo fértil.¹ São esses frutos que nos interessam para o livro.

¹ MUTRAM, M. Língua inglesa: tempo de colheita. *Estudos Avançados*, n. 8(22), USP, 1994.

Capítulo 10

Quando, como e por que aprendi inglês: as narrativas de Francisco, Hilário, Antonieta, Munira e Nora

Maria Jandyra Cavalcanti Cunha
Cristina Maria Teixeira Stevens

A título de ilustração, este capítulo final foi reservado para o registro de grandes nomes que fizeram e ainda fazem a história do ensino e da pesquisa da área de língua inglesa e literaturas correspondentes no Brasil. É uma homenagem nossa, como organizadoras deste livro, a todo aquele professor/pesquisador que, muitas vezes anônimo, também ajudou a construir um pedacinho dessa história.

Os nomes dos autores destas narrativas foram escolhidos por nós não apenas baseados em nossa própria vivência na área, mas por meio de consultas informais feitas a outros profissionais em encontros e seminários nacionais.

As narrativas foram feitas por escrito, pelo correio eletrônico e, em um caso, por *fac-símile*. Para todos os sujeitos envolvidos, foi enviado o sumário do livro com os resumos dos capítulos e a biodata de seus autores.

Organizamos as narrativas por ordem alfabética do primeiro nome, como usual neste país. Todas elas vêm precedidas de al-

guma informação sobre a história profissional de seus autores e foram, por eles, livremente estruturadas, embora tivéssemos lançado uma pergunta norteadora ampla: *Quando, como e por que você aprendeu inglês?* Era nossa intenção, no que fomos entendidas e bem atendidas, que a pergunta servisse apenas como um elemento provocador da narrativa e que todos eles ficassem livres para detalhar o que lhes fosse relevante.

Antes da leitura das narrativas enviadas, falamos na possibilidade de sistematizar, de acordo com categorias preestabelecidas, os tipos de aprendizagens apresentadas pelos depoentes. A tempo, decidimos que não queríamos reduzir as aprendizagens narradas. Nós, estudiosos da linguagem, às vezes pecamos por reduzir a palavras e expressões o que deve ser sentido com emoção. Preferimos manter os textos originais que, à exceção de uma ou outra vírgula, não foi alterado.

É possível que as narrativas estejam acanhadas pelo exíguo espaço que para elas concedemos: três laudas. Em verdade, não fomos tão inflexíveis. Dissemos “mais ou menos três laudas”, porém, com a disciplina dos grandes, todos eles se pautaram dentro do limite. Isso acabou sendo lamentado por nós, sedentas de maiores detalhes sobre contextos de aprendizagem tão ricos quanto diversos. Como gostaríamos de que não tivéssemos sido tão mesquinhas no espaço concedido! Nomes como os de Francisco Cardoso Gomes de Matos, Hilário Irineu Bohn, Maria Antonieta Alba Celani, Munira Hamud Mutran e Nora Ther Tiele são muito maiores do que os nossos e merecem, cada um deles, não somente duas laudas, mas todo um livro. Eles são marcos na abertura dos *caminhos* que nos permitem hoje fazer esta *colheita*.

FRANCISCO CARDOSO GOMES DE MATOS. Licenciou-se em Letras Anglo-Germânicas pela Universidade Federal de Pernambuco em 1956. Ainda pela UFPE, tornou-se ba-

charel em Direito em 1958. Mestre em lingüística pela University of Michigan (1960) e doutor em Letras/lingüística aplicada pela PUC-SP (1973). Desde 1952, Gomes de Matos tem exercido diversos cargos no ensino de línguas: Yázigí /SP, Faculdade de Filosofia do Recife, PUC-SP. No exterior, lecionou nos Estados Unidos, no México e no Canadá. Atualmente exerce o cargo de professor no Departamento de Letras, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Publicou vários livros (entre os quais, *Foreign language teaching in Brazil*), capítulos de livros (entre eles, *Foreign language teaching in Latin America*, no volume *Trends in Ibero-American and Caribbean linguistics*, organizado por Robert Lado) e artigos em periódicos nacionais e estrangeiros.

Minha aprêndizagem se deu durante a pré-adolescência, em Recife. Entre 1941 e 1944, fui exposto ao inglês americano falado por pessoal militar estadunidense que ali atuava. Minha família morava na Rua da Aurora – às margens do Rio Capibaribe – bem próximo de um Clube de Oficiais do Exército americano. O ambiente favoreceu, portanto, minha aquisição primordialmente auditiva do inglês, logo diversificada pela auto-aprendizagem: assistir a um filme duas vezes para poder entender mais os diálogos, ler revistas em quadrinhos em inglês, ouvir canções americanas e desafiar-me a “tirar” (hoje “transcrever”) as letras integralmente e, *last but not least*, ouvir transmissões radiofônicas em inglês – época do rádio de ondas curtas – da Voice of America.

Essa experiência de aprendizagem/aquisição contribuiu decisivamente para minha vocação como professor de inglês, iniciada com o ensino “particular” e continuada no trabalho em diversas instituições locais. A primeira recompensa veio em 1955, quando recebi uma bolsa de estudos de um semestre para participar do International Program for Teachers of English, na Universidade de Michigan (patrocinado pelo International Institute of Education/State Department). Essa ida a Michigan me abriu os horizontes pedagógicos e lingüísticos: em Ann Arbor tive o privilégio de assistir, como ouvinte, a algumas aulas do magistral Charles C. Fries, então diretor do English Language Institute. O curso que ele ministrava chamava-se *Introduction to Linguistic Science. To make a long story short*,

apaixonei-me pela lingüística aplicada ao ensino de inglês e, quatro anos mais tarde, 1959, estava de volta a Ann Arbor com Bolsa da Fulbright e um “*part-time job*” como “*teaching fellow*” do ELI, graças a convite de meu maior mentor nos EEUU, Robert Lado. Naquela cidade universitária, cursei meu mestrado e consolidei, assim, outra vocação: a de lingüista aplicado. Mas isso é outra história...

HILÁRIO I. BOHN. Criança bilingüe, português e alemão, por isso às vezes discriminado mas também fascinado pela palavra desde os primeiros anos de vida, formou-se em Letras pela PUC-RS. Foi aluno da Universidade de la Republica do Uruguai e do Museu de Antropologia da cidade do México, lugares onde aprofundou seus estudos lingüísticos. Foi aluno de inglês do English Language Institute de Ann Arbor, em Michigan, e da Universidade de Yale em New Haven, Connecticut, mas recebeu seu título de mestre em lingüística aplicada pela Universidade de Indiana, em Bloomington, e de doutor pela Universidade do Texas, em Austin. Na Universidade de Birmingham, Inglaterra, fez estudos de pós-doutorado. Foi professor titular e coordenador do Programa de Pós-graduação em Lingüística Aplicada da UFSC. Foi também presidente da Alab e vice-presidente da Aila. Hoje é professor do Programa de Pós-graduação em Lingüística Aplicada da UCPel e do mestrado em educação da FURB, Blumenau, SC.

Aprender uma língua estrangeira num país como o Brasil é ao mesmo tempo uma aventura e um privilégio. Uma aventura porque é uma tarefa longa, árdua e os resultados são muitas vezes imprevisíveis; um privilégio porque poucas crianças e adolescentes encontram meios, ambientes ou lugares instrucionais apropriados para desenvolverem esta habilidade. Também um privilégio porque a habilidade de compreender, ler, falar e escrever uma língua estrangeira abre para o indivíduo um mundo de enriquecimentos cognitivo-psico-socioculturais imensuráveis, além de introduzi-lo numa interculturalidade invejável e colocar a sua disposição os valores

culturais e as informações produzidas por outras comunidades lingüísticas. Parece-me que pelos valores cognitivos, socioculturais agregados à aprendizagem de uma língua estrangeira e pela complexidade do processo vale a pena fazer uma introspecção retrospectiva e apresentar uma narrativa que pode contribuir para desvelar os processos e as estratégias de aprendizagem de uma língua estrangeira.

Nasci numa família e comunidade bilingües, no interior do Rio Grande do Sul, em que o alemão era a principal e primeira língua. O pai era professor e se preocupava com a administração e o trabalho de um minifúndio, principal sustento de uma família de dez filhos e também compartilhada com a avó paterna e os avós maternos. A mãe administrava essa grande família. O alemão era a língua da comunicação oral diária, mas as mesas, os quartos, especialmente a sala de jantar, sala preferida das reuniões familiares, sempre estiveram repletos de jornais, livros, panfletos, em português e alemão. A sorte de ter irmãos e irmãs mais velhas propiciou uma intensa interação verbal no meio familiar. Como criança na idade pré-escolar estive presa nos lábios de minha irmã mais velha, contadora incansável de histórias fantásticas durante longas horas por dia. Os dois primeiros anos de escola foram fundamentalmente para aprender o vocabulário da língua portuguesa para depois ingressar no processo de alfabetização. O estudo e a escola eram uma obsessão familiar. A medida que os irmãos mais velhos voltavam de suas escolas-internato, nas férias de verão, a disponibilidade de livros era multiplicada. Essa comunidade familiar ampla era muito conversacional. Como criança, mesmo já em torno dos dez ou onze anos, era normal adormecer à mesa de jantar ouvindo as histórias e as conversas familiares até altas horas da noite.

Depois de uma infância rica em interação verbal familiar, aos doze anos veio o Colégio Marista, tempo de aprofundar a aprendizagem da língua portuguesa e iniciar a aprendizagem da língua estrangeira. Primeiro veio o francês, enfatizado pela cultura Marista; o inglês veio em seguida, mais tímido, e o alemão continuou sendo o código familiar. O fascínio de compreender e ser capaz de utilizar várias línguas atingiu o seu ápice em torno dos dezesseis anos, no segundo grau. O francês fascinava por causa dos autores da época, Camus, Sartre, André Gide, Genet e Paul Claudel, com os seus demônios religiosos. Mas de repente surgiu o fascínio da língua inglesa. A necessidade de ler livros de química, minha matéria preferida no

segundo grau, me atirou dentro de uma frenesi de aprendizagem que contagiou vários colegas. Criamos um boletim semanal em língua inglesa que despertou a curiosidade dos professores de inglês e da administração da escola. Os mexericos entre professores e alunos, notícias, pequenos poemas, curiosidades gramaticais e vocabulares eram nossos alvos e assuntos preferidos. Muito rapidamente o livro didático estava todo memorizado. As revistas *Time*, *Life*, gramáticas, livros didáticos alternativos foram colecionados e estudados com avidez. O grande companheiro de aprendizagem também foi o dicionário e a interação competitiva entre os colegas. De repente surgiu uma nova profissão. Além de estudante, começaram a surgir pequenas consultorias, alunos particulares de inglês, traduções e finalmente o convite para ser professor de língua inglesa numa escola particular do Rio Grande do Sul. O vestibular de engenharia química foi trocado pelo de Letras e o fascínio da aprendizagem com os meus alunos de inglês do Colégio do Rosário em Porto Alegre e com os colegas de universidade na PUC do Rio Grande do Sul continuaram. A alegria de ter na universidade uma falante nativa como professora, também fascinada pela poesia e pelo teatro, os professores visitantes que aguçavam a nossa curiosidade literária e lingüística foram algumas das variáveis que ajudaram a construir a nossa competência lingüística e comunicativa. Mas acima de tudo, a leitura, as conversas, as fitas de teatro, de poesia, disponíveis no laboratório de línguas da PUC, e a interação entre os colegas foram as motivações e os insumos que permitiram ao meu cérebro apreender a língua inglesa, tornar-me intercultural, desenvolver a habilidade de produzir e sentir a beleza dos significados das palavras inglesas, na vida cotidiana, nas relações humanas, na poesia, no teatro, na música e nas artes.

A língua inglesa também fez-me profissional, suplantando a força quase hegemônica da francofonia dos primeiros anos da juventude. Mas a língua francesa continua fazendo as suas aparições em minha vida, especialmente influente na concepção do ser humano, nas concepções filosóficas e educacionais. Também está presente no exercício da profissão. A participação do Executive Board e a vice-presidência da Aila, por exemplo, não poderiam ter sido exercidas em sua plenitude sem a compreensão da língua francesa. Surge daí a necessidade de o profissional brasileiro desenvolver habilidades comunicativas em vários idiomas e não somente na língua inglesa e/ou espanhola.

MARIA ANTONIETA ALBA CELANI. Licenciada em Letras anglo-germânicas e doutora em Letras (inglês) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras *Sedes Sapientiae*, PUC-SP. É professora titular do Departamento de Inglês da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Foi professora de Prática de Ensino de Inglês, chefe do Departamento de Inglês, fundadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem e coordenadora desse mesmo programa, em que hoje é professora de Aprendizagem de Língua Estrangeira e de Formação Contínua do Professor de Língua Estrangeira, além de orientar alunos de mestrado e doutorado em pesquisas relacionadas ao ensino de inglês. Atua na área de ensino de inglês há 56 anos. Coordenou o Projeto Nacional Ensino de Inglês Instrumental em Universidades e Escolas Técnicas Brasileiras e, no momento, coordena o projeto *A formação contínua do professor de inglês da escola pública*: um contexto para a reconstrução da prática. É autora de livros (dentre os quais *Professores e formadores em mudança*: relato de um processo de reflexão e transformação da prática docente, e de diversos artigos publicados no país e no exterior (dentre os quais, *O ensino da língua estrangeira no Império: o que mudou?*, incluído no livro *Imagens do Brasil: 500 anos*, organizado por B. Brait e N. Bastos, e *Ensino de línguas estrangeiras: ocupação ou profissão?*, incluído em *O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão*, livro organizado por V. Leffa).

Comecei a aprender a língua inglesa em 1936, na 2ª série do antigo ginásio. Era disciplina obrigatória do currículo, naquela época rigorosamente determinado pelo Ministério da Educação. Meu professor era um engenheiro formado nos Estados Unidos, e, portanto, com bom domínio da língua. Não tinha formação específica em ensino de línguas estrangeiras e, provavelmente, repetia os mesmos procedimentos de quando, na escola brasileira, tinha aprendido o inglês: leitura em voz alta pelo professor, repetição pelos alunos, tradução do texto e, em seguida, exercícios de gramática de alguma maneira ligados ao pequeno texto, escrito especialmente para praticá-

los. O programa era, também, rigorosamente determinado pelo Ministério da Educação e o livro didático tinha de ser submetido previamente para aprovação. A primeira parte começava com o artigo e terminava com a interjeição; a segunda parte tratava da sintaxe. A diferença entre o programa da 2ª série e o da 5ª série, a última do curso ginásial, consistia apenas em o que era descrito como “aumento gradativo da complexidade dos textos”. Na 5ª série isso foi concretizado em um livro chamado *Estrada suave*. Não me recordo nem do nome do autor nem do da editora.

Meu pai, apesar de não sentir afinidade alguma com a língua inglesa ou com os aspectos culturais e políticos dos países onde era falada, resolveu, quando eu ainda estava na 4ª série, que seria conveniente proporcionar-nos aulas particulares de inglês, porque, segundo ele, seria “a língua do futuro”. E assim, Mrs. van Eyken, nascida na Alemanha, de pai alemão e mãe inglesa, passou a fazer parte da minha vida e da de minha irmã. Três vezes por semana sua chegada era ansiosamente aguardada e o tempo passava rápido enquanto falávamos de tudo, baseadas ou não em material escrito: o cultivo e a fabricação do linho, um filme interessante exibido no momento, um fato político ou um evento cultural na São Paulo do final da década de 1930. Os convites para passar os domingos em sua casa em Tremembé me ofereceram o contexto natural para aprender logo de início palavras como *nasturtium*, que crescia abundantemente no jardim. Nunca esqueci essa palavra! Mrs. van Eyken também não tinha formação especializada em ensino de inglês, mas suas aulas eram muito diferentes daquelas na minha escola.

Terminado o ginásio, dirigi-me para a área de química, mas as aulas particulares de inglês continuaram. Ao final de dois anos, quando ficou evidente que minha área de interesse não se encontrava nas ciências exatas, bastante confusa e incerta sobre qual seria meu caminho, resolvi preparar-me para outro exame vestibular, em Letras Anglo-Germânicas, porque não precisaria me esforçar muito, visto que já dominava bem o inglês. Concentrei-me no aprendizado do alemão e na recuperação do latim, abandonado dois anos antes. Apaixonei-me pela língua alemã, que continuou a ser minha disciplina preferida durante os quatro anos de faculdade. A língua inglesa, durante o curso universitário, era apenas mais uma disciplina do currículo, que eu cumpria sem um especial interesse.

Até que ao final do curso uma das professoras sugeriu que eu fizesse o Cambridge Proficiency. Gostei da idéia, matriculei-me na Cultura Inglesa e após um ano de preparação fiz o exame e fui uma

das raras candidatas a obter a classificação A. Ainda incentivada pelos professores, matriculei-me no curso preparatório do Cambridge Diploma, que após dois anos fui a segunda brasileira a obter. A essa altura já estávamos em 1951 e eu já havia iniciado minha vida profissional lecionando em uma escola particular em um bairro de São Paulo. No entanto, repetia os mesmos procedimentos de meu professor engenheiro do ginásio e não os da professora com quem havia aprendido o significado da palavra *nasturtium*. Até o livro era o mesmo – Isabel Junqueira Schmidt.

Por outro lado, a Cultura Inglesa oferecia cursos livres excelentes em várias áreas da literatura e da tradução. Os professores eram pessoas muito preparadas, os grupos eram pequenos e uma verdadeira comunidade de interessados em se aprofundar nos estudos ingleses se formara. Frequentava tudo que era oferecido: leitura dramática, grupos de teatro, cursos de poesia, *country dancing* aos sábados à tarde.

Em 1954, uma determinação do MEC obrigou a inclusão da disciplina Didática Especial nos currículos de licenciatura. Fui então convidada pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras *Sedes Sapientiae*, da PUC-SP onde me formara, a assumir essa nova disciplina. Imediatamente me dei conta que necessitava de formação especial para levar a contento minha nova obrigação. Candidatei-me a uma bolsa de estudo do British Council para o Diploma in Teaching English as a Foreign Language, oferecido pelo Institute of Education da Universidade de Londres, naquele momento, o único curso dessa área oferecido na Grã-Bretanha. Fui aceita e, a partir de então, minha vida mudou. Começou minha formação profissional propriamente dita. O contato não só com os especialistas europeus da época, mas também com profissionais em formação do mundo todo, transformou minha visão de mundo através da língua inglesa.

Ao retomar meu curso de Didática Especial do Inglês, em 1956, de pronto me dei conta que um curso dessa natureza sem um componente prático de real vivência de sala de aula seria pouco produtivo. Encontrei maneiras de organizar classes de alunos de várias escolas secundárias para receberem aulas das futuras professoras, até que fosse criada a Escola de Aplicação. Essa insistência na efetiva atuação em sala de aula continuou mesmo depois da extinção da Escola de Aplicação, na PUC-SP, com a organização de outros mecanismos que permitissem uma ampla prática de sala de aula.

Com a instituição da pós-graduação no país, apesar de meu doutorado, em 1960, ter sido na área de literatura inglesa, por total impossibilidade de conseguir um orientador na área de ensino de

língua estrangeira, minhas atividades se voltaram para a organização de um programa de estudos pós-graduados que preparasse professores de línguas para o magistério superior. Foi fundado, assim, o Programa de Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas da PUC-SP, o primeiro do país, em 1970, hoje denominado Programa de Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (Lael). A grande maioria dos profissionais que procuram o programa são professores de inglês. A mudança de nome em parte reflete a delimitação mais marcada de uma área de pesquisa que há três décadas era entendida precipuamente como aplicação da lingüística ao ensino de línguas. Não cabe aqui me estender sobre essa questão. A história do desenvolvimento da área e os trabalhos de seus pesquisadores vêm atestar a maior clareza obtida no caminho percorrido. Não se encontram mais dissertações ou teses com um anêmico capítulo final intitulado Implicações pedagógicas de algo relacionado a uma descrição lingüística por exemplo.

Comecei a aprender a língua inglesa por decisão paterna, continuei por, naquele momento, me parecer o caminho mais fácil, prossegui por prazer, fiz desse aprendizado meu objetivo de desenvolvimento profissional. Hoje, continuo a me ver como uma eterna aprendiz, principalmente pelo que me ensinam as professoras de inglês com quem trabalho no Lael e, principalmente, em meu projeto de formação contínua do professor de inglês da escola pública. Tive a grande felicidade de ter minha formação especializada em um instituto de educação, de modo que, a partir de então, não me é mais possível desvincular a aprendizagem de uma língua estrangeira de uma perspectiva educacional e política.

Aprender a língua inglesa para mim foi uma experiência de olhar para mim mesma, entender-me melhor em relação ao mundo e ao meu país. Acredito que essa é uma experiência que deve ser oferecida a todos os cidadãos e não apenas a alguns privilegiados. Por isso acredito na importância de se garantir uma ótima formação àqueles que serão os responsáveis pelo ensino da língua inglesa em nossas escolas.

MUNIRA HAMUD MUTRAN. Gradou-se em Letras pela Universidade de São Paulo em 1962, onde também obteve seu título de mestre (1970) e doutora (1977). Em 2000, também pela USP, foi alçada à livre-docência. Desde 1975, é professora de literaturas de língua inglesa, tendo lecionado no passado as seguintes disciplinas relativas ao ensino do inglês: Written and

Spoken English, Phonology, Grammar, Didática do Ensino de Inglês. Publicou seis livros, vários capítulos de livros e um grande número de artigos em revistas acadêmicas.

Comecei a aprender inglês aos nove anos de idade com Dona Maria Inglesa (Hirell Mary Cowperthwaite). Cursava então o “primário” no Segundo Grupo Escolar de Barretos. Meu tio, jovem estudante de Direito nas Arcadas do Largo de São Francisco (USP), insistira com meus pais no aprendizado de uma língua estrangeira, que seria muito importante em minha vida futura. D. Maria Inglesa só aceitava dar aulas para grupos de três alunos. No meu horário da tarde, havia Maria Stela e um menino, de cujo nome não me recordo. Num caderno de capa dura, a professora dividia as páginas em três colunas verticais onde escrevia com letra firme uma palavra ou uma sentença em Inglês, sua pronúncia e seu significado. Depois da aula, geralmente incluindo leitura, ditado e conversação, tomávamos chá com rosquinhas, víamos gravuras de livros com paisagens da Grã-Bretanha, ou brincávamos com um pião com palavras em inglês. Se existem momentos decisivos em nossas vidas, um deles foi meu encontro com um mundo e língua diferentes naquela casa da Avenida 14.

Quando meus pais resolveram mudar-se para São Paulo, Dona Maria Inglesa, ao se despedir, deu-me um papelzinho com o endereço da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, na Rua José Bonifácio. Foi ali que estudei inglês de maneira mais sistemática até obter o certificado de Cambridge (Cambridge Certificate). Dessa época me lembro bem de uma professora jovem, ruiva, chamada Moira Vogt, cujas aulas me encantavam. Lemos com ela *The country of the blind e kidnapped*. Ao mesmo tempo, tive ótimos professores de Inglês no Instituto de Educação Caetano de Campos, na Praça da República, prédio hoje ocupado pela Secretaria da Educação, e no Colégio Presidente Roosevelt (curso clássico) onde a Professora Gilberta Correia ensinava língua e literatura.

Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, na Rua Maria Antônia, fui aluna de Kenneth Buthlay, João Fonseca, Kera Stevens, Onédia Pereira de Queiroz, Lisette Craziani e Paulo Vizioli. Quando João Fonseca se aposentou fui contratada para dar aulas de língua inglesa e fonologia. Até 1975 estas foram minhas atividades docentes, embora estivesse interessada em estudos literários para o mestrado e o doutorado. A partir daquela data passei a me dedicar à

docência, à pesquisa e à orientação em literaturas de língua inglesa, formando até hoje sete mestres e oito doutores.

Olhando o caminho percorrido, sou grata à Dona Maria Inglesa,* a primeira, dentre outras, a me revelar uma visão humanista da aprendizagem.

NORA THER THIELEN. Professora titular (aposentada) do Departamento de Línguas Modernas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Parece que sempre aprendi línguas com facilidade e prazer. As boas freiras francesas do Colégio Sévigné, em Porto Alegre, alfabetizaram-me em português e francês ao mesmo tempo, e a minha lista de autores prediletos na juventude incluía mais clássicos franceses do que portugueses. As maneiras francesas eram norma familiar. A única exceção, na minha galeria de figuras francesas admiráveis, era a Imperatriz Dona Leopoldina, que patrocinara a vinda dos primeiros colonos alemães ao Brasil. Afinal, eu tinha um bisavô francês e um avô alemão: eram as minhas raízes européias e a menina brasileira queria prender-se a elas.

Quanto aos ingleses, ou mesmo americanos, sua língua e cultura não ecoavam no meu passado. As notas piores no ginásio eram as de inglês, e eu jamais lera sequer uma tradução ou adaptação da literatura anglo-americana. Quando me inscrevi no vestibular da então recém-fundada Faculdade de Filosofia da Universidade de Porto Alegre (hoje Universidade Federal do Rio Grande do Sul), optei por Letras anglo-germânicas porque queria aprender alemão. Novamente, o inglês foi a minha menor nota, mais baixa até do que a de alemão, cuja gramática eu decorara em três meses de esforço concentrado, o que impressionou os examinadores, todos hoje de saudosa memória.

Estávamos então em 1943, em plena Segunda Guerra Mundial. “*Es ist verboten deutsch zu sprechen*” era a ordem. Como praticar alemão?

Meus conhecimentos de inglês eram rudimentares: não tinha desenvoltura ao falar e vocabulário limitado. Uma colega de aula até

* Nunca fiquei sabendo como o casal Hirell Mary e James Cowperthwaite foi parar em Barretos.

vaticinou que eu jamais aprenderia inglês. Assim desafiada, entrei no Instituto Cultural Brasileiro/Norte-Americano, não há muito fundado por intelectuais de Porto Alegre. E, literalmente, descobri a América e a cultura americana.

A descoberta culminou, no último ano da faculdade, com o estudo da literatura norte-americana. Dei-me conta de que ela era um rebento da literatura inglesa, um rebento inovador, estética e culturalmente. E a *História da literatura inglesa*, com excertos ilustrativos dos melhores autores, que eu debulhara, palavra por palavra, num estudo estanque, durante três anos, começou a ter um sentido de continuidade, de tradição: era o que de melhor se havia pensado e dito em língua inglesa e foi aí que me detive.

O desejo de estudar alemão cedeu lugar ao inglês; só retornei ao alemão muito mais tarde, quando estudei filologia germânica, mas isso não faz parte deste esboço.

Dois anos após a faculdade, candidatei-me a uma bolsa de estudos do Institute of International Education e, em Mount Holyoke College, Massachusetts, o panorama da literatura inglesa, a riqueza da tradição ocidental, abriram-se à minha mente. Li o *Ulysses*, emocionada, e os autores contemporâneos de aquém e além mar. Fui introduzida à crítica literária em um seminário pós-graduado em que era a única *non-native speaker*. A apreciação, até então quase ingênua, da literatura tornou-se questionamento, juízo de valores e, o que foi crucial, inextricavelmente presa ao significado das palavras, às suas reverberações. E as reverberações, tão presentes às minhas colegas americanas, teimavam em desaparecer quando eu as perscrutava. Eu ainda não conhecia o inglês como queria conhecê-lo. Data daí o meu interesse pela lingüística e suas implicações para o estudo da literatura.

Quando retornei a Porto Alegre, no final da década de 1940, a faculdade que me dera um bacharelado ofereceu-me um estúdio: a sala de aula. Foi nela e para ela, sempre renovada e sempre encorajadora, que fui dando contornos e relevos ao meu aprendizado da língua, da literatura e da cultura inglesas.

O inglês tornou-se minha segunda língua; minhas raízes culturais aprofundaram-se na Inglaterra e, por extensão, nos países de língua inglesa.

Dou por completada, assim, a primeira fase de um aprendizado cujas etapas subsequentes trouxeram desenvolvimento intelectual e realizações pessoais e profissionais. Dessa fase, hoje já antiga, guardo o encanto ingênuo das revelações, o entusiasmo das descobertas,

mesmo o pejo dos erros cometidos. E mais, guardo a memória dos mestres, cada um dos quais pontuou momentos do meu aprendizado com generosa dedicação.

Aos jovens colegas de hoje, desejo que encontrem o que nunca me faltou: o acompanhamento solícito, a amizade desinteressada, o apoio encorajador, as distinções, mesmo imerecidas, de colegas antigos e mais novos, merecedores todos da minha gratidão.

O nome do livro – *Caminhos e colheita* – traduz o objetivo central do projeto, que é a localização de elementos para identificação de rotas, rumos, contornos e perspectivas futuras para a área. A obra analisa as dimensões essenciais do ensino e da pesquisa da área em nosso país: aspectos legislativos, históricos, associativos, institucionais e acadêmicos.

Cristina Maria Teixeira

Stevens, doutora em literatura inglesa pela Universidade de São Paulo, é professora de literaturas de língua inglesa na Universidade de Brasília. É secretária da Associação Brasileira de Professores Universitários de Inglês.

Maria Jandyra Cavalcanti

Cunha, doutora em linguística pela Universidade de Lancaster, Inglaterra, é pesquisadora na Universidade de Brasília. Publicou vários trabalhos no Brasil e no exterior na área de ensino de línguas estrangeiras.

Caminhos e colheita é o produto de um esforço historiográfico de professores e pesquisadores de várias universidades brasileiras que atuam na área de língua inglesa e literaturas correspondentes. A obra apresenta elementos para identificação de rotas, rumos, contornos e perspectivas futuras para a área. Analisa aspectos legislativos, históricos, associativos, institucionais e acadêmicos do ensino e da pesquisa da área em nosso país.

Código EDU: 366609

ISBN 85-230-0735-0



9 788523 007355